

Falha plano da RAS para implantar terrorismo

— considera Comandante Militar do Maputo
Serviço da AIM

O Comandante Militar da Província do Maputo, o Major-General Atanásio M'Tumuke, considerou como falhado o plano do regime racista de Pretória para a implantação dos bandidos armados no sul do nosso País.

Este oficial das Forças Armadas de Moçambique (FPLM) referia-se à infiltração maciça de bandidos armados na província do Maputo, em 1984, imediatamente antes e após a assinatura do Acordo de Nkomati, a 16 de Março.

Nessa altura, mais de dois mil bandidos armados foram infiltrados directamente na província do Maputo, a partir do leste do Transvaal. Era a primeira vez que a África do Sul lançava a desestabilização directamente na província do Maputo.

M'Tumuke, disse que a África do Sul tinha tentado isolar a capital, Maputo, bloqueando a comunicação entre a cidade e os centros económicos a norte do rio Nkomati.

Para isso, Pretória concentrou uma boa parte da desestabilização nos distritos de Manhica e de Magude.

O General M'Tumuke referiu medidas organizativas e uma ofensiva das FPLM no terreno como factores que

levaram à eliminação de centenas de terroristas e a sua degeneração em bandos errantes.



Atanásio M'Tumuke, Comandante Militar da Província do Maputo

No entanto, disse crer que a África do Sul nunca deixará de infiltrar bandidos armados em Moçambique. Acrescentou que neste momento a infiltração tem-se restringido, no sul, a elementos especializados com alvos bem definidos a sabotar.

Ouvimos estas declarações de Atanásio M'Tumuke pouco antes de chegarmos, na tarde de terça-feira da semana passada, à região de Majosse, no distrito da Manhica, onde uma unidade das FPLM havia acampado pela manhã, após um recontro naquilo que os soldados chamavam de «via de trânsito dos bandidos».

No local — uma zona de floresta com dois poços quase secos — haviam sido mortos dois terroristas.

«Estamos nesta perseguição desde sábado. Eles fugiram assim», disse um dos comandantes, indicando a direcção oriental. E acrescentou:

«Mas nós sabemos qual é o seu destino final. Só estamos à espera das ordens para lá chegarmos».

Estes soldados estavam em operações há um mês, mas não apresentavam fraqueza física. Naquela tarde receberam novos carregamentos de

comida, cantis de água e cigarros trazidos pelo Comandante Provincial.

Por volta das 17 horas, um grupo de soldados foi enviado para ir buscar água a um dos dois poços próximos do acampamento, a uns 500 metros do sítio onde estávamos.

Naquele momento ouviu-se tiroteio, primeiro de armas ligeiras e depois de bazucas.

«Essas são as nossas armas», disse um capitão, para nos tranquilizar, ao mesmo tempo que ordenava aos oficiais subalternos para organizar as posições dos soldados.

No entanto, não houve nenhum combate. O militares concluíram que se tratava de algum pequeno grupo de bandidos regressados de algum saqueamento no norte do distrito, a ser atacado pelas FPLM.

O facto seria confirmado mais tarde. Um grupo de bandidos havia roubado açúcar, sal, arroz, farinha e diversos objectos domésticos. «Eles fugiram e ainda devem estar a correr», comentou o soldado. «Foram surpreendidos pela nossa presença aqui. Isto vai dar bem. Amanhã vamos vasculhar tudo isto», disse, indicando a floresta com um gesto da mão.